

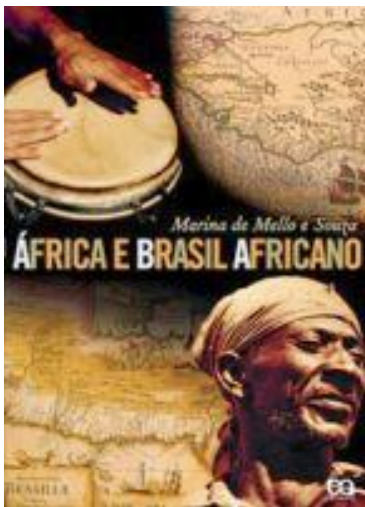
## RESENHA

SOUZA, Marina de Mello e. **África e Brasil africano.**  
São Paulo: Ática, 2006, 175 p.

**José Alexandre da Silva**

**Professor de História do Ensino Fundamental e Médio Secretaria de Estado de  
Educação do Paraná (SEED-PR)**

**E-mail: alexandre875@hotmail.com**



“África e Brasil Africano” trata-se de uma bela introdução à história da África, que tem haver com o Brasil, escrita por Marina de Melo e Souza, professora de História da África da Universidade de São Paulo e estudiosa da cultura afro-brasileira. Num contexto em que a Lei 10.639 torna obrigatório o Ensino de História Africana e afro-brasileira a obra ganha grande importância e vem ajudar a preencher uma lacuna no mercado editorial sobre o assunto. A presença, no processo editorial, do nome de Alberto da Costa e Silva, nosso mais respeitado estudioso de História da África, só vem trazer mais credibilidade à edição da obra em discussão. Um livro que pode servir não apenas para professores e alunos que têm de se debruçar sobre a história dos afro-brasileiros nos bancos escolares, como também para quem quiser saber mais sobre a importância da história da África e da contribuição dos africanos na formação do nosso país.

A escrita do texto, realizada com clareza, é eficazmente concatenada com informações atualizadas da produção acadêmica mais recente sobre o tema, além de trazer informações tiradas diretamente de fontes históricas como processos inquisitoriais, relatos de viajantes e processos criminais. Além de as pectos gráfico não deixar a desejar, dando um visual bastante agradável ao texto, o livro é repleto de mapas, fotografias, pinturas e gravuras criteriosamente referenciados ao final da obra. Outro recurso utilizado

são as notas de rodapé, dando o significado de alguns termos específicos que poderiam confundir o jovem leitor. Já os boxes separados dos textos inserem descrições e comentários pertinentes que podem ser saboreados no momento em que o leitor melhor aprover. O livro também vem acompanhado de um manual de exercícios com o objetivo de facilitar o trabalho do professor em sala de aula e a assimilação dos estudantes.

Como pontua a autora, “Abordar conteúdos que trazem para a sala de aula história da África e do Brasil africano é fazer cumprir nossos grandes objetivos como educadores: levar à reflexão sobre a discriminação racial, valorizar a diversidade étnica, gerar debate, estimular valores e comportamentos de respeito, solidariedade e tolerância (...) levantar a bandeira de combate ao racismo e às discriminações que atingem em particular, a população negra, afro-brasileira e afro-descendente.” No afã de realizar tais objetivos a obra vai ser dividida em seis capítulos: 1) A África e seus habitantes, 2) Sociedades africanas, 3) Comércio de escravos e escravidão, 4) os africanos e seus descendentes no Brasil, 5) O negro na sociedade brasileira contemporânea e 6) A África depois do tráfico de escravos.

No primeiro capítulo do livro, a autora vai descrever os aspectos geográficos do continente africano enfatizando a importância dos rios ao redor dos quais surgiram as primeiras sociedades complexas. No segundo capítulo, vai ser trabalhado como se dividiam as sociedades africanas, das mais simples às mais complexas, seguido de uma breve descrição dos principais reinos. Nesse ponto fica marcado no texto a importância que tinham os chefes nessas sociedades, desde os chefes de família até os das aldeias e dos reinos e confederações. A autora também dá destaque a um aspecto de suma importância na constituição das sociedades africanas, o sobrenatural. Vejamos: “(...) nas sociedades africanas (...) toda a vida na terra estava ligada ao além, dimensões que só especialistas, ritos e objetos sacralizados podiam atingir” (p.44).

O terceiro capítulo é um ponto alto da obra, uma vez que a autora vai dissecar como funcionava a escravidão no continente africano, antes e depois da chegada dos europeus, como esses teceram relações com os chefes locais para conseguir cativos, como esses eram capturados, transportados e comercializados. Segue também um conceito apropriado do termo escravidão: “(...) situação na qual a pessoa não pode transitar livremente nem pode escolher o que vai fazer (...) pode ser castigada fisicamente e vendida caso seu senhor ache necessário; (...) não é visto como membro completo da sociedade em que vive, mas como ser inferior e sem direitos (...)” (p. 47).

Já no quarto capítulo, amparada na brilhante produção acadêmica sobre escravidão no Brasil desde a década 1980 até nossos dias, a autora vai expor de forma agradável, porém, rigorosa as principais regiões fornecedoras de africanos escravizados para a colônia portuguesa, como esses se integraram ao seu novo mundo, como se relacionaram com seus senhores e também companheiros de destino mesmo esses não sendo nada conhecidos. Tendo que aprender uma nova língua, resistindo através da rebeldia, matando o senhor ou o feitor e se aquilombando, implementando formas veladas de resistência, mas não menos valorosas quanto às já citadas, tecendo laços de família e de compadrio, criando novas formas de expressão religiosa e de arte, enfim longo foi o caminho dos escravos até a liberdade.

No quinto capítulo, Marina de Melo e Souza vai construir uma imagem bastante acurada sobre o negro na atual sociedade brasileira. Vale apontar aqui a superação da idéia de raça, a contribuição dos africanos nas artes plásticas, na religião e na música. Também é importante frisar a visão da autora sobre as ações afirmativas que recentemente vêm sendo implantadas na sociedade brasileira: “( ...) a garantia do acesso a posições às quais os afro-brasileiros estiveram sistematicamente excluídos é um começo na conquista de condições mais igualitárias para o desenvolvimento de todas as pessoas, independente de suas origens étnicas ou sociais” (p.144).

O Sexto e último capítulo trata da ocupação colonial do continente africano que veio acontecer depois da extinção do tráfico atlântico num momento em que a importação de mão de obra já não era o que mais interessava às principais potências européias, mas sim a ocupação e domínio de um continente quase desconhecido e cheio de riquezas a oferecer na forma de matéria prima barata ao mundo industrial. A descolonização do continente, depois da segunda metade do século XX, abriu espaço para guerras fratricidas de luta pelo poder que deixaram suas marcas até os dias de hoje. Para completar o quadro, temos o surgimento do vírus HIV que veio como um fragelo para o continente que tenta se recompor. Para a autora, “(...) o grande desafio das sociedades africanas é manter o respeito à pluralidade e á diferença sem se fechar para as novidades que podem trazer benefícios às pessoas” (p.169).

Mesmo nesse texto de valor, podemos perceber que a autora não consegue fugir, em pontos bem específicos, de formulações que já presenciamos de longa data nos manuais escolares e revelam nossa perspectiva, ainda, mais européia que africana. Nelas o europeu aparece como sujeito que contornou o continente que nesse momento

aparece descrito como uma barreira. Barreira essa, que va i sendo superada em cada momento histórico que determinado ponto é alcançado. Assim, o Cabo do Bojador é contornado em 1434, em 1445 é construída a primeira fortaleza que servia de base para o comércio com os povos locais e em “Bartolomeu Dias chegou ao ex tremo Sul do continente em 1489, e Vasco da Gama contornou a África e foi até a Índia em 1498 (p. 28)”.

Detalhes à parte, acreditamos que esse texto merece ser lido e utilizado sem receios e mesmo já se tendo decorrido dois anos da data de sua publicação, podemos ter a certeza de que África e Brasil africano trata -se de uma contribuição literária importante para um país que durante muito tempo tentou mascarar, ocultar ou esquecer suas origens.

### **Bibliografia**

SOUZA, Marina de Mello e. **África e Brasil africano**. São Paulo: Ática, 2006.